



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA DO AMPARO DE MOURA SOUSA

**HISTÓRIAS DE PALHA DE ARROZ: representações da cidade de Teresina na  
década de 1940 nos escritos de Fontes Ibiapina**

PICOS-PI

2017

MARIA DO AMPARO DE MOURA SOUSA

**HISTÓRIAS DE PALHA DE ARROZ: representações da cidade de Teresina na  
década de 1940 nos escritos de Fontes Ibiapina**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História, do Campus Senador Helvídio  
Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco  
Brito

PICOS-PI

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

**S725h** Sousa, Maria do Amparo de Moura

Histórias de Palha de Arroz: representações da cidade de Teresina na década de 1940 nos escritos de Fontes Ibiapina / Maria do Amparo de Moura Sousa– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (51 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.

Orientador(A): Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

1. História-Literatura-Teresina. 2.Fontes Ibiapina.  
3.Palha de Arroz-Literatura. I. Título.

**CDD 981.912 22**

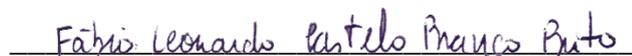
MARIA DO AMPARO DE MOURA SOUSA

**HISTÓRIAS DE PALHA DE ARROZ: representações da cidade de Teresina na década de 1940 nos escritos de Fontes Ibiapina**

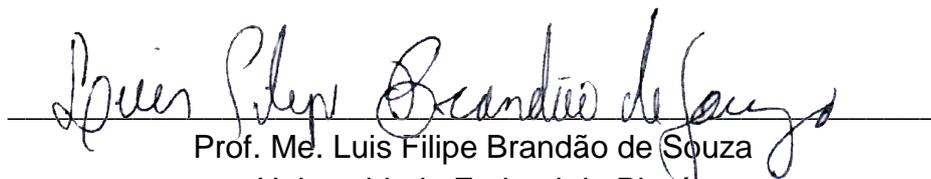
MONOGRAFIA APRESENTADA, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE GRADUADA EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.

Aprovada em 20/02/2017

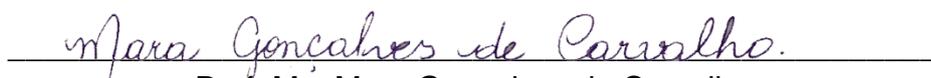
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (Orientador)  
Universidade Federal do Piauí



Prof. Me. Luis Filipe Brandão de Souza  
Universidade Federal do Piauí



Prof. Me. Mara Gonçalves de Carvalho  
Universidade Federal do Piauí

Dedico este trabalho a Deus em primeiro lugar, por me iluminar e me guiar pelos caminhos certos e aos meus pais Francisco Elson (in memoriam) e Francisca Pereira, com muito amor e carinho, por tudo que fizeram por mim ao longo da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

A conclusão deste trabalho marca o fechamento de mais um ciclo em minha vida, do qual fizeram partes pessoas maravilhosas e memoráveis, que contribuíram direto ou indiretamente, para realização de um sonho e, que por me acompanharem ao longo da minha caminhada acadêmica, não poderia deixar de expressar os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Deus por ser minha fortaleza e me conceder a graça de vencer os obstáculos que se puseram no meu caminho e quase me impediram de chegar até aqui. Agradeço à inspiração e a força para alcançar os meus objetivos e, sobretudo pelo dom da vida.

À Universidade Federal do Piauí (UFPI) e aos professores do Curso de Licenciatura Plena em História, em especial, a Olivia Candeia Lima Rocha por contribuir para o meu crescimento intelectual, pela disponibilidade e acessibilidade e por me ajudar a determinar o objeto de estudo desta pesquisa.

Ao meu orientador Me. Fabio Leonardo Castelo Branco Brito pela sua indispensável orientação, permeada de um amplo conhecimento e por ter sido profissional, paciente e atencioso, disponibilizando seu valioso tempo para me orientar.

Aos meus familiares, em especial a minha mãezinha Francisca, por ser um exemplo de força e determinação, que mesmo em sua simplicidade e pouca instrução, sempre entendeu a importância do estudo na vida dos seus filhos, e por este motivo sempre depositou toda sua confiança em mim.

Sou grata à minha madrinha Elisângela Oliveira por ter sido uma inspiração por sua garra e coragem para lutar pelos seus objetivos e vencer as barreiras, por me mostrar que, embora difícil, é possível conciliar o trabalho e os estudos.

À minha tia Ana Dete pelo apoio e pelo incentivo, sempre pontuando a necessidade e a importância de um Curso superior.

À minha querida amiga Fabiana Reis pelas palavras de apoio, pelo carinho que sempre teve por mim, por estar sempre presente em minha vida e me dizer sempre que no final tudo dar certo.

Ao meu noivo, melhor amigo e companheiro de todas as horas, Ricardo Moura, pelo amor, carinho, atenção e paciência, por ter sabedoria para me compreender nos momentos de angústia e por me ajudar a não desistir.

Aos meus amigos do curso que são hoje amigos para toda vida, Maria Cássia, José Paulo e Luzinete, por vivenciarem comigo momentos únicos e inesquecíveis, alegrias, tristezas e principalmente realizações. A minha amiga Luzinete registro aqui um agradecimento especial, me faltam palavras para expressar toda gratidão e admiração que tenho pela sua pessoa, sempre me encorajando a seguir em frente, mostrando-me o lado positivo das coisas, compartilhando comigo os momentos bons e ruins, tenho certeza que sem a sua ajuda teria sido muito mais difícil e complicado concluir este trabalho.

Enfim, agradeço a todos que tornaram possível esta conquista e se fizeram presente ao longo desta jornada, que foi difícil, cheia de percalços e contratemplos, marcada por incertezas, angústias, medo, cansaço, muita reflexão e muita força de vontade, mas que foi muito importante em minha vida, permitindo o meu crescimento intelectual e também fazendo de mim uma pessoa melhor. Dessa forma ficam na minha memória as boas lembranças, as risadas, as horas de descontração e entretenimento que a Universidade e os amigos nos proporcionam e a certeza de que tudo é possível por mais difícil que pareça. A todos vocês o meu muito obrigada!

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvidas. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, a falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos (...) Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem  
*Lucien Febvre*

## RESUMO

A literatura possui em seu âmago uma capacidade simbólica e recriadora que são relevantes para a construção do conhecimento histórico. Desse modo, consideramos que João Nonon de Moura Fontes Ibiapina criou representações sociais sobre a cidade de Teresina da época de 1940 na escrita do Romance Urbano *Palha de Arroz*. Seu texto, com personagens fictícios é literatura, com a escrita de histórias e acontecimentos reais assumem a função da história, assim literato e historiador se misturam. Portanto, este estudo se propõe a analisar as representações sociais sobre Teresina da década de 1940, construídas por Fontes Ibiapina na escrita do Romance *Palha de Arroz*. Para cumprir seu objetivo, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, respaldando-se em autores como Odilon Nunes, Sandra Jatahy Pesavento e Elson de Assis Rabelo, entre outros. Assim, foi possível compreender que o livro *Palha de Arroz*, mostra-se como um romance vivo em tipos sociais, contribuindo para o estudo da história local, constituindo-se, portanto, em uma fonte histórica que traz representações sociais da cidade de Teresina na década de 1940.

**Palavras-chave:** História. Literatura. Fontes Ibiapina. Palha de Arroz. Teresina.

## ABSTRACT

Literature has in its core a symbolic and re-creative capacity that are relevant to the construction of historical knowledge. In this way, we consider that João Nonon de Moura Fontes Ibiapina created social representations about the city of Teresina of the time of 1940 in the writing of the Urban Romance Straw of Rice. His text, with fictional characters is literature, with the writing of real stories and events assume the function of history, so the writer and historian are mixed. Therefore, this study proposes to analyze the social representations about Teresina of the 1940s, constructed by Fontes Ibiapina in the writing of the Romance Straw of Rice. In order to fulfill its objective, we resorted to bibliographical research, supported by authors such as Odilon Nunes, Sandra Jatahy Pesavento and Elson de Assis Rabelo, among others. Thus, it was possible to understand that the book Straw of Rice, shows itself as a living novel in social types, contributing to the study of local history, constituting, therefore, in a historical source that brings social representations of the city of Teresina in the 1940.

**Keywords:** History. Literature. Ibiapina sources. Rice straw. Teresina.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 FONTES IBIAPINA: o homem e sua obra.....	21
1.1 O homem.....	21
1.2 A obra.....	25
2 PALHA DE ARROZ E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CIDADE DE TERESINA DA DÉCADA DE 1940 SOB O OLHAR DE FONTES IBIAPINA.....	31
2.1 Erguida sob a égide da modernidade e da pobreza: Teresina.....	31
2.2 O romance <i>Palha de Arroz</i> e a Teresina da década de 1940: representações sociais construídas por Fontes Ibiapina.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

## INTRODUÇÃO

Como aluna do Curso de Licenciatura Plena em História, desde o princípio de minha trajetória acadêmica, busco encontrar uma temática a ser abordada no Trabalho de Conclusão de Curso que tivesse relevância para o meio acadêmico e que ao mesmo tempo provocasse em mim a inquietação de pesquisar, desvendar e conhecer cada vez mais profundamente a seu respeito, esta foi uma preocupação que acabou por se tornar uma missão a ser cumprida conforme o Curso avançava em seus períodos.

Uma certeza se fazia presente em minha jornada acadêmica, o tema sobre o qual me debruçaria na monografia estaria inserido no contexto piauiense, algo referente à história do Piauí se constituiria em meu objeto de estudo, haja vista, ter percebido desde muito cedo que quando se tratava da história do Piauí, diversos vácuos se apresentavam nos livros, desta forma poderia contribuir, mesmo que de maneira simplória, para que novos estudos fossem realizados a cerca do tema.

Nessa perspectiva, é notável que inúmeros temas inseridos em história do Piauí possuem relevância e merecem ser estudados, todavia, uma minoria de temas são exaustivamente debatidos, por demais abordados em detrimento de outras temáticas, possivelmente pela dificuldade no contato com as fontes ou pela quase inexistência das mesmas. Assim, iniciou-se a busca por um tema inserido na história do Piauí que se tornasse meu objeto de estudo no Trabalho de Conclusão de Curso e que permitisse agregar valor ao âmbito acadêmico.

Como a literatura sempre me cativou e se mostrou uma fonte histórica na minha caminhada acadêmica, decidi encontrar um tema que unisse história e literatura, que me possibilitasse vivenciar estes dois mundos, extraíndo a essência de ambos e, assim, se tornasse algo prazeroso de se pesquisar e escrever.

Quando colocamos a literatura em face da história e buscamos analisar a interação de ambas, devemos levar em consideração que esta relação constitui-se em uma vertente atual da história cultural, foi a pouco mais de três décadas que o campo da historiografia se expandiu alcançado uma riqueza prodigiosa, conseguindo multiplicar suas fontes, abordar novos setores, ampliar seus questionamentos e tornar suas abordagens cada vez mais diversificadas. A literatura mostra sua relevância para a história à medida que o autor literário resgata sentimentos, razões de um tempo que foram apresentados dialogando com o

presente através de sua obra, mostrando para o historiador o grande desafio de desvendar as nuances da literatura. A literatura possui em seu âmago uma capacidade simbólica e recriadora que são relevantes para a construção do conhecimento histórico.

A literatura sempre tem se destacado na motivação de pensamentos humanos, quando a mesma interliga-se a história suas proporções podem ser maiores ainda. Não é raro obras literárias encontrarem-se imersas em épocas históricas apresentando características peculiares de certo tempo. Dessa forma, a ficção se junta à realidade e quando se nota essa tênue relação, as possibilidades de abordagem aumentam e a história experimenta maior potencialidade de alcance.

Nesse contexto se faz importante destacar a concepção de Valderici Rezende Borges (2010) acerca de história e literatura:

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico. (BORGES, 2010, p.98).

Existe, assim, uma real possibilidade da literatura registrar historicamente as experiências que a sociedade vivencia, ela constitui-se do social e do cultural e torna-se ela mesma constituidora do mesmo. A literatura é um modo de interpretar o mundo e o tempo no qual ela é escrita. A literatura traz em si o contexto de sua época, a mesma resulta do processo social na qual está inserida, assim a literatura pode ser utilizada como testemunha da história, deve ser analisada e indagada como tal, a literatura deve muitas vezes ser tratada como documento histórico.

Pensando a relação entre história e literatura, Juscelino G. Lima (2009) destaca que vivemos em uma época de globalização, marcada por informações

rápidas e instantâneas, onde a internet e outros veículos de informações disponibilizam tais informações, mas que mesmo em face dessa globalização os livros ainda são objetos que prendem a atenção do leitor e que têm garantido seu espaço junto ao grande público. Todavia, os livros que abarcam história e literatura podem vir ganhando e perdendo espaço ao mesmo tempo, pois existe uma luta bastante intensa entre a ficção que agrada, mas que não traz informações e nem desvenda o passado e a narrativa que é considerada verídica, fonte de enriquecimento do ser humano, mas que não desperta muitas vezes o interesse do leitor, principalmente pela linguagem tediosa que utiliza.

Para Sandra Jatahy Pesavento (2005) a atualidade é marcada por novos paradigmas historiográficos, onde é preciso atentar para as representações, onde:

Representar é, pois fundamentalmente estar no lugar de, é a presentificação do ausente, é um apresentar de novo [...] A representação é um conceito ambíguo [...] não é cópia do real, sua imagem perfeita [...] o representante guarda relações de semelhança, significados atributos que remetem ao oculto o representado. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. (PESAVENTO, 2005, p.40).

Quando se considera, portanto, os novos paradigmas de construções historiográficas, o debate entre história e literatura é necessário, pois as mesmas possuem fronteiras tênues que muito mais as aproximam do que as distanciam.

Nesse contexto, convém destacar as observações traçadas por Virgínia Camilotti e Márcia Regina C. Naxara (2009) que entendem que o debate da literatura como fonte historiográfica é recente, surgido por volta de 1970, quando ocorreram movimentos de aproximação que indicavam formas diferentes de operação com o texto literário. Considerando história e literatura as autoras cometam que “ambas abordam temas comuns para diferentes perspectivas, utilizam formas aproximadas para concretizarem a escrita em suas várias dimensões” (CAMILOTTI; NAXARA, 2009, p.17).

Roger Chartier (1999) importante historiador francês que mantém seus estudos vinculados à historiografia da História dos Annales também empreende uma discussão em torno da relação existente entre história e literatura, Chartier (1999) concebe duas maneiras de relação entre história e literatura, onde ele aponta:

A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos. Para semelhante perspectiva é necessário compreender que nossa relação contemporânea com as obras e os gêneros não pode ser considerada nem como invariante nem como universal. [...] Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão. (CHARTIER, 1999, p.1).

Destarte, esta é a primeira maneira como Roger Chartier entende a relação entre história e literatura, onde ele defende a necessidade de rompimento com a percepção de que todos os textos, todas obras, de qualquer gênero são compostas e publicadas, assim como lidas considerando critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito, pois existe uma pluralidade enorme de operações e também de atores que estão envolvidos na produção e publicação dos textos, a literatura não pode, portanto ser dissociada do contexto social no qual se insere.

Nessa perspectiva, Chartier (1999) discute outra maneira de entender a relação entre literatura e história, esta maneira é considerada pelo autor como inesperada e vai contra a primeira maneira de compreensão apresentada por ele, sendo que descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção, assim como a transmissão do estético, o qual pauta-se em um mistério.

Estes textos, envoltos em mistério estético, denotam o livro e a leitura do mesmo, como ficção e dessa forma fazem com que os historiadores pensem uma instituição literária marcada pelos aspectos de identificação do texto com um escritor fixado, e manipulável devido, o fato de a obra ser produzida para um leitor que lê para si mesmo e também a caracterização da leitura como uma atribuição do texto a um determinado autor e que, dessa forma, é uma decifração do sentido (CHARTIER, 1999).

As considerações tecidas por Chartier (1999) apenas ressaltam a complexidade existente na relação história e literatura, mas também ressaltam a existência dessa relação e apontam para sua importância e para discussão que se fundamenta em torno da mesma.

Nesse contexto, Lima (2009) conta que a utilização da literatura como fonte histórica remota ao século XVIII, época em que adveio o pensamento iluminista inaugurando o período de racionalização da história, assim os iluministas discutiram a preponderância da literatura como fonte para que os historiadores pudessem recompor o passado. No século XIX veio à historiografia romântica e esta se utilizou da narrativa de cunho literário na intenção de discutir o passado do ser humano. Foi nesse mesmo século que o cientificismo desabilitou a narrativa literária na intenção de construir textos a partir de fontes documentais, pois se acreditava que estes poderiam levar a um entendimento mais completo do passado, além de verdadeiro por estarem isentos de ficção.

Apenas no século XX com o surgimento da Escola dos Annales na França e que se expandiu de maneira rápida pelos demais países ocidentais foi que o uso da literatura como fonte histórica ganhou sentido, assim a literatura passou a ser tida como um campo documental pelos historiadores que entenderam a riqueza presente em seus textos. (LIMA, 2009).

Borges (2010) também pondera a respeito da relação entre história e literatura e fazem isso destacando que a história é uma fonte de conhecimento e que todo documento também é fonte de conhecimento, assim a literatura como fonte documental logo pode servir de fonte histórica. Nessa perspectiva destacam o fato de que narrativas históricas e literárias constroem representação acerca da realidade, a escrita, a linguagem e a leitura são partes indissociáveis contidas em um texto, onde o historiador no contato com um texto, uma produção literária deve saber de quem o texto fala de onde fala e a linguagem que utiliza e buscar reconhecer como o texto é recebido pelos leitores, suas expectativas, a maneira como contempla o livro ou resistências que pode ter ao mesmo.

Outro aspecto que o historiador deve observar defronte a literatura como uma fonte histórica é sua contextualização, é primordial que desvende o lugar em que ele foi produzido, seu estilo e sua linguagem, conhecer a história do autor e a sociedade na qual este conviveu, pois ela é parte indissociável de sua personalidade.

Contudo, Borges (2010, p. 98) entende a literatura como um bem cultural e assim:

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as

experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico.

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.

Assim, a literatura traz grandes possibilidades à história, pois a mesma traz em si a representação social e também histórica, a literatura é uma testemunha de uma época, de um momento histórico o qual seu autor vivencia, sua interpretação sobre as experiências pelas quais passa, a literatura tem, assim, muito potencial para história, pois representa as interpretações de uma época, sua representação simbólica.

Concebendo a utilidade que a literatura possui para o historiador e que os novos paradigmas históricos compreendem e valorizam abordagens diferenciadas no campo historiográfico, traçando a literatura como mentalidade histórica de um tempo, restava identificar de maneira precisa o objeto de estudo, que imagem conservada e transmitida através da literatura no decorrer do tempo, com importância histórica seria propriamente abordado nesse estudo.

Então os estudos realizados em História do Piauí ascenderam em minha memória e apontaram para pontos peculiares da capital do Piauí, Teresina, a mesma mostra-se bastante interessante tanto pelo seu projeto de edificação, quanto pelas representações sociais que na mesma se apresentaram.

Nesse contexto, faz-se interessante considerar o que entendemos por representação social o que se mostra como preponderante, haja vista, mostrar-se indispensável para compreensão da temática trabalhada. Dessa forma, representação social se refere a uma maneira de interpretar, assim como pensar a realidade cotidiana, uma maneira de conhecimento da atividade mental que os sujeitos desenvolveram e também a forma utilizada pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, objetos e eventos que tais indivíduos e grupos buscam conservar. As representações sociais podem ser vistas como fenômenos

múltiplos, observados e estudados em sua complexidade, são explicações e crenças, ideias que possibilitam remeter a um determinado conhecimento, pessoa ou objeto.

Assim, as representações sociais de Teresina foram ocupando meus pensamentos e constituíram-se no ponto de partida para definição de um tema. A cidade de Teresina teve seu projeto de edificação pautado em interesses políticos e econômicos buscando a priori modernidade e conseqüentemente desenvolvimento para o Estado do Piauí, os traços que compõem pensados para a construção de Teresina baseavam-se nos anseios dos discursos de progresso. O debate político em torno de uma capital que oferecesse maiores e melhores condições para se desenvolver ligava-se a algumas ideias como, por exemplo, a ideia de progresso, expansão, crescimento e modernidade. Ansiava-se por um lugar novo, pois a capital Oeiras devido a seu aspecto de isolamento em relação às demais províncias, às condições financeiras, à situação de atraso, dificuldades de transportes, dentre outras, não correspondendo, assim aos anseios de progresso e modernidade, parecia não apresentar possibilidades de expansão. Assim, nos primeiros anos de 1850 nasce em pleno vale do Rio Paraíba, a cidade Teresina, projetada especialmente para ser a capital do Piauí.

A projeção da capital Teresina pode ser compreendida, principalmente, nos estudos de Francisco Alcides do Nascimento, que afirma que a mesma foi erguida sob o signo da modernidade, mas também sob o signo da pobreza. No começo do século XX, Teresina ainda era uma cidade pequena, sem nenhuma infraestrutura básica. A capital piauiense era cenário de pobreza, de sujeira, de falta de energia elétrica, de ausência de higienização, esgotos eram mantidos a céu aberto, ruas inteiras eram preenchidas por casas de palha e tudo isso acabava por impedir que a capital do Piauí viesse de fato a se modernizar e acabava-se por constatar que era preciso civilizar Teresina. Foi durante os anos de 1937 a 1945 que a cidade de Teresina recebeu tratamento urbano, buscando-se criar um espaço moderno, áreas de sociabilidade, surgindo representações que pareciam mostrar que velho estava sendo substituído pelo novo.

Foi pensando a respeito da construção de Teresina, de sua edificação no intuito de trazer o novo, de civilizar e modernizar, mas que não conseguiu superar a pobreza sobre a qual também foi erguida que encontrei definitivamente minha temática de estudo, pois percebi que a sociedade pode ser observada de diferentes

formas em diferentes épocas e a maneira como ela será representada dependerá do olhar do observador. Esse indivíduo que observa poderá criar sob ela diversas representações que podem emergir da sua imaginação e serem mescladas com a realidade. Nesse sentido destacamos o olhar crítico, mas ao mesmo tempo sensível, de João Nonon de Moura Fontes Ibiapina ao criar representações sociais sobre a cidade de Teresina da época de 1940 na escrita do Romance Urbano *Palha de Arroz*. Seu texto, com personagens fictícios é literatura, com a escrita de histórias e acontecimentos reais assumem a função da história, assim literato e historiador se misturam, se confundem, tornando cada vez mais estreita a relação entre História e Literatura, aquela baseada em fatos reais, mas não na concepção de verdade, essa construída por fatos fictícios, porém baseados na verossimilhança.

Destarte, pontuou-se o tema da pesquisa: *HISTÓRIAS DE PALHA DE ARROZ: representações da cidade de Teresina na década de 1940 nos escritos de Fontes Ibiapina*, onde meu desejo de trabalhar entre as linhas tênues da literatura e a história concretizou-se, construiu-se uma pesquisa problematizada em questionamentos: Quais as representações sociais podem ser encontradas em *Palha de Arroz*? Quais fatos e acontecimentos reais dão ao Romance o caráter histórico? Para que se consiga responder estes questionamentos é necessário conhecer quem foi o picoense Fontes Ibiapina, como ele representou os incêndios de Teresina e porque as representações sociais tecidas por Fontes Ibiapina viabilizam uma discussão entre história e memória.

O trabalho apresentado possui forte apelo bibliográfico o que se deve ao fato de a pesquisa bibliográfica possibilitar um conhecimento mais profundo acerca do tema em análise. Pela pesquisa bibliográfica podemos entrar em contato com os mais diversificados estudos realizados a respeito do tema, a mesma nos proporciona o estudo de vários livros e artigos publicados em revistas e em sites. Desse modo o primeiro passo foi entrar em contato com os estudos que abordassem a relação entre literatura e história, de modo que os estudos de Roger Chartier *Literatura e História*, *Cidades imaginárias: literatura, história e sensibilidades* de Sandra Jatahy Pesavento, foram indispensáveis a este momento do texto.

Para conhecer o homem por traz da obra *Palha de Arroz*, foi fundamental a biografia do jurista e escritor Fontes Ibiapina, *Nonon: O menino de Lagoa Grande* de Eneas Barros e também *A História entre tempos e contratempos: Fontes Ibiapina e a*

*obscura invenção do Piauí* de Elson de Assis Rabelo, bem como *Palha de Arroz: Fontes Ibiapina* de Alex Romero.

Conhecer aspectos da capital Teresina de sua fundação até os anos de 1940, época em que o romance *Palha de Arroz* é localizado, tendo sido o mesmo escrito somente em 1968, recorreremos aos trabalhos de Felipe Mendes, *Compreendendo a pobreza, Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina de Odilon Nunes, *A importância da borracha de maniçoba na economia piauiense: 1990-1920* de Teresinha Queiroz, *Teresina, a capital que nasceu sob o signo do moderno e da pobreza* de Francisco Alcides do Nascimento, entre outros.

O livro *Palha de Arroz* de Fontes Ibiapina, torna-se nossa principal fonte histórica e o objeto de estudo a ser discutido na pesquisa aqui empreendida, propomo-nos, então, analisar as representações sociais sobre Teresina da década de 1940, construídas por Fontes Ibiapina na escrita do Romance *Palha de Arroz*, tendo em vista que seu romance se traduz em denúncia, em um grito em favor dos mais fracos, marginalizados da sociedade elitista, que fazem parte de um grupo social erguido sob o signo da pobreza, da mendicância, que veem suas casas queimadas, que perdem o pouco que conseguiram construir e, além de tudo passam a fazer parte da “suspeição generalizada”, pois estão inclusos nas chamadas “classes perigosas”, visto que em determinado momento são acusados de incendiários, talvez porque fosse preciso justificar os incêndios e nada melhor do que justificá-los através daqueles que não possuíam defesa. Dessa forma verifica-se que partindo de uma história fictícia é possível tratar de acontecimentos reais e “*Palha de Arroz*” é exemplo disso. O título do livro é um nome de um bairro que realmente existiu em Teresina da década de 1940.

Assim, o estudo aqui apresentado apresenta dois capítulos, o primeiro intitula-se: *Fontes Ibiapina: o homem e sua obra* e apresenta ponderações sobre o personagem deste estudo, João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, apresentando suas relações intelectuais, suas principais leituras, referências, buscando conhecer o campo literário piauiense em seu tempo, autores que inspiraram esse escritor e com os quais o mesmo dialogava.

O segundo capítulo *Palha de Arroz e as representações sociais da cidade de Teresina da década de 1940 sob o olhar de Fontes Ibiapina* desvela o Romance Urbano *Palha de arroz* e sua função de mostrar acontecimentos reais de Teresina na década de 1940 e os incêndios criminosos que nesta aconteceram, mostrando

como a utilização de fontes literárias pode ser importante para a produção histórica, revelando aspectos de um tempo, peculiaridades de uma época e de um lugar.

## **1 FONTES IBIAPINA: o homem e sua obra**

A intenção deste capítulo é conhecer o homem Fontes Ibiapina, suas relações intelectuais suas principais leituras, referências, buscando conhecer o campo literário piauiense em seu tempo, autores que inspiraram esse escritor e com os quais o mesmo dialogava. É intenção deste capítulo, também, abordar a obra de Fontes Ibiapina, o legado que o mesmo deixou destacando os caminhos literários pelos quais trilhou.

Nesse contexto as obras literárias de Fontes Ibiapina, importante escritor piauiense, se apresentam como relevantes para falar de noções de coletividade, cidadania e para tratar de memória e tempo. Em sua obra, Fontes traz diversos tipos sociais representados, sendo considerado pela crítica como um dos maiores expoentes do regionalismo Estadual, à medida que apresenta com fidelidade os traços culturais, a linguagem, tradições e costumes do povo piauiense.

A obra literária de Fontes Ibiapina é de suma importância para que se mostre a cultura do Piauí, desmistificando a ideia de que é este Estado é carente de cultura, ao mesmo passo que sua obra mostra-se como um dos muitos aspectos culturais desse Estado.

Dessa forma, este capítulo vem a apresentar o escritor Fontes Ibiapina como homem dono de uma vasta obra que demonstra sua importância para a literatura no Piauí, trazendo as características que marcam sua personalidade e seus escritos.

### **1.1 O homem**

A literatura traz a história como uma fonte para a mesma, sendo necessário refletir acerca da importância de relacionar ambas para a produção de conhecimento. Quando se discute a literatura como fonte histórica, volta-se a atenção para o fato de que a mesma pode despertar interesse e curiosidade levando a capacidade criadora que é de suma importância para construir-se o conhecimento histórico.

Nesse contexto, destacamos a importância das obras literárias de Fontes Ibiapina para construção de noções de coletividade, identidade, bem como noções de memória. A obra Fonteniana representa para as gerações de leitores, tanto as do

passado quanto as atuais, linhas da linguagem piauiense utilizadas na normativa e também nos tipos sociais que tiveram seus perfis criados por este importante autor.

Destarte, Fontes Ibiapina, escritor piauiense, é considerado pela crítica literária o maior expoente do regionalismo do Estado, retratando em sua obra a linguagem, os costumes e as tradições populares do Piauí de maneira fiel, mostrando que o Piauí é rico em cultura e em ações que levem ao povo o que se produz em termos de cultura piauiense, levando ao enriquecimento o patrimônio imaterial do Piauí.

Fontes Ibiapina mostra aqueles que se debruçam sobre suas obras fatos significantes tanto sobre o meio social, como os sujeitos que estão inseridos nesse meio. Fontes descreve, sobretudo, tipos piauienses valorizando a história local, mas destacando também o brasileiro. Deste modo, faz-se imprescindível conhecer este homem Fontes Ibiapina e as características que marcam a construção de sua personalidade.

Nascido na cidade de Picos em 1921, Estado do Piauí, João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, foi para Teresina para prosseguir seus estudos, formou-se em Direito e chegou a ser professor, exercendo ainda as profissões de jornalista e juiz, além de ter sido lavrador para ajudar seus pais na fazenda dos mesmos na localidade Vaca Morta, na zona rural de Picos. Fontes Ibiapina foi membro da Academia de Letras Piauiense, fundou ao ser transferido para Parnaíba, a Academia Parnaibana de Letras. Fontes Ibiapina é dono de um acervo de obras lançadas e também inéditas, ganhando diversos prêmios literários, o mesmo faleceu no ano de 1986. (FONTES, S/A)

Conforme Jaqueline Rodrigues de Aquino (2010) foi a vida na fazenda que mais marcou os escritos literários de Fontes Ibiapina, onde é preciso destacar seu gosto pela leitura e aspectos peculiares de sua vida como o fato de que:

Em julho de 1950 sofreu um acidente: uma descarga elétrica da Chapada do Corisco, que o deixou um ano acamado e vários meses de muleta. Colaborou em comissões julgadoras de concursos literários. Ficou viúvo em 1985 (era casado com D. Clarice Rosa do Monte Ibiapina, com quem teve quatro filhos). Menos de um ano da morte da companheira, faleceu em Parnaíba, no dia 10 de abril de 1986, vítima de uma parada cardíaca. Foi sepultado na manhã do dia 11 no cemitério São Judas Tadeu, em Teresina. (AQUINO, 2010, p.3).

Fontes Ibiapina foi um homem marcado pelas raízes do interior, marcado pelos ares da fazenda na qual viveu e trabalhou durante sua juventude, um homem que levava consigo o saber propiciado pelos estudos que teve na capital do Piauí, Teresina, mas também um homem marcado pelos gostos de sua vida, o amor a leitura e pelos dramas trazidos através de um grave acidente que o deixou de cama atingindo gravemente sua saúde física. Fontes sofreu, ainda, o drama da perda de sua companheira e seguiu para a morte pouco depois de sua esposa ter partido.

Para Elson de Assis Rabelo (2008) o literato Fontes Ibiapina surge com o Movimento de Renovação Cultural, sendo que tal Movimento adveio com a criação do Centro de Estudos Piauienses pelo professor Raimundo Nonato Monteiro de Santana. O Movimento de Renovação Cultural configurava-se como um projeto preocupado com a emissão de discursos indenitários sobre os espaços piauienses que reunia intelectuais com o intuito de fundar a revista *Econômica Piauiense* e também intencionava produzir livros que abordassem o Piauí destacando vários campos do saber, dentre os quais estava à literatura.

Fontes Ibiapina publicava contos no jornal *Folha da Manhã* e seus livros passaram a ser editados pelo Caderno de Letras e pela *Econômica Piauiense* que representava o Movimento de Renovação Cultural. Fontes tematizava o Piauí e isso lhe rendeu reconhecimento junto a Academia Piauiense de Letras.

Sobre o homem Fontes Ibiapina, Rabelo (2008) comenta que este apresentava em seus aspectos conservadores resultantes de sua procedência das elites rurais, este conservadorismo justifica o fato de o mesmo ter apoiado a Ditadura Militar instaurada no Brasil em 1964, ressalta-se o fato de que:

[...] Nonon era ligado a intelectuais, como Simplício Mendes, que disputavam muito mais que estes valores; eram sujeitos que, pelas relações sociais e pelo envolvimento no meio jurídico, tinham posições e interesses a defender.

Por estes posicionamentos, pelo fascínio cientificista de que o autor era presa, por seu conceito de povo e de cultura, ou pelo simples gesto de escrever, é que se entende porque a escritura de Fontes Ibiapina, de um modo geral, era um ato político. Tradicionalista, regionalista, folclorista, ele pretendia separar cultura e sociedade, defendendo a manutenção das matérias de expressão populares do passado sem observar que elas foram gestadas em determinadas condições sociais, desconsiderando que, por exemplo, a própria "cultura vaqueira" do Piauí correspondia a relações de mando político no sertão, das quais Nonon, como sujeito, experimentava um lado privilegiado. (RABELO, 2008, p. 187).

Fontes Ibiapina mantinha relações com intelectuais como Simplício Mendes, importante político de seu tempo, relações que envolviam o escritor em um meio que requeria seu posicionamento e que valorizava sua cientificidade e ressaltava seu tradicionalismo, bem como regionalismo.

Aquino (2010) afirma que Fontes Ibiapina inseriu-se na prosa regionalista do século XX<sup>1</sup>, que se contextualizou, principalmente, a partir de 1930, assim Fontes foi herdeiro do neo-regionalismo, o autor usava-se de modismo, provérbios e oralidades. O conto era marca de Fontes, sendo o mesmo premiado em diversos concursos de contos nacionais. Lembra, ainda, que os contos de Fontes Ibiapina, assim como seus demais escritos, mostra a realidade nordestina que é tradicionalista, suas obras vem a denunciar o presente, enquanto também relembra saudosamente o passado.

Fontes Ibiapina no entendimento de Moura (2012, p.2):

era uma pessoa alegre, recebia a todos muito bem, dava a impressão de ser feliz. Andou por muitas comarcas do Piauí, experimentou quando na Capital, antes de tornar-se magistrado, a indústria, quando sofreu um acidente. Mas nunca se queixava, sempre contando histórias, dizendo “chuleios”, incentivando a que os jovens escrevessem prosa. Só ficava brabo se o chamassem de poeta. Talvez porque houvesse experimentado a poesia e sentisse que não era o seu forte. Aliás, é difícil encontrar um prosador que não tenha feito poemas. Esses são alguns traços pouco conhecidos da vida de Nonon, como era conhecido na intimidade. Era um homem curioso, sempre atento ao que a ciência tinha para oferecer. Faleceu no dia 10 de abril de 1986, na cidade de Parnaíba, onde exercia as funções de Juiz de Direito, depois de ficar, na noite anterior, horas e horas com uma luneta na mão para observar a passagem do cometa Halley.

Assim, Nonon como Fontes era chamado na intimidade foi um homem alegre, conhecedor do Piauí que era apreciado em suas viagens pelas comarcas, um contador de histórias que intencionava fazer tantos outros homens seguir os passos da prosa, não havia nele afeição pela poesia, havia em si o amor pelo conhecimento, pela ciência. Fontes Ibiapina era um homem com o dom das palavras que foram utilizadas, principalmente, em seus contos.

Os contos fontenianos abordam as relações que existiam entre comportamento ambiente, o social, as mudanças que ocorriam no percurso das

---

<sup>1</sup>Interessava-se pela análise de mecanismos psicológicos e sociais, bem como analisava profundamente seus personagens, usava de coloquialismo da linguagem e desrespeitava a norma gramatical entre outras características.

peessoas. Os contos de Fontes Ibiapina mostram o sertão, as histórias sertanejas, as características desses lugares, a psicologia daqueles que nestes habitavam.

Assim, o homem Fontes Ibiapina foi um dos mais importantes escritores piauienses, um dos mais destacáveis da região Nordeste e também do Brasil, pode ser considerado praticamente o fundador de uma prosa diferenciadora no Estado do Piauí. A obra deixada por Fontes Ibiapina representa de fato a riqueza do Piauí e do Nordeste em suas tradições, em sua história e cultura, são obras que tendem a permanecer vivas na memória da literatura brasileira, obras que superam os limites de todos os lugares e que fecundam as mentes que a elas se abrem, obras fieis a história do Piauí, Piauí terra que foi sensivelmente observada por Fontes Ibiapina, sua obra é tem um estilo único e marcante, é uma obra autêntica que necessita ser estudada e difundida, obra que precisa ter sua singularidade e importância reconhecida por diversos segmentos sociais e que precisa ser valorizada no âmbito acadêmico. Um olhar sobre a grandiosidade da obra fonteniana é o que temos a seguir.

## **1.2 A obra**

Foi no final dos anos de 1950 que Fontes Ibiapina começou a publicar suas obras, em 1958 o conto *Chão de Meu Deus* despontava o talento do escritor piauiense que a partir de então traria a literatura piauiense escritos de grande riqueza que se tornariam patrimônio cultural do Estado.

A década de 1950, quando começou a principiar o talento do escritor Fontes Ibiapina é marcada no Piauí por uma efervescência cultural, principalmente, na capital Teresina, onde a literatura ganha grande destaque. Contudo, foi na década de 1960 e 1970 que Fontes Ibiapina produziu diversas obras e que passou a ter reconhecimento no campo literário.

As décadas de 1960 e 1970 no Brasil são marcadas pela Ditadura Militar, onde o Estado brasileiro buscava controlar o setor cultural tanto através da censura como do incentivo que dava a intelectuais para que produzissem e publicassem suas obras. Nesse ínterim cabe ressaltar que a Academia Piauiense de Letras recebeu auxílio do Estado nesse período o que parecia favorecer os intelectuais que da mesma faziam parte. (TÔRRES, 2010).

Fontes Ibiapina era um romancista, um contista e conhecedor das tradições folclóricas do Estado que aflorou no Piauí em um momento que a Literatura vivenciava o Movimento de Renovação Cultural.

De acordo com Iara Moura (2010, p.71):

Interessado na produção cultural piauiense, intelectuais como Odilon Nunes, Joaquim Chaves, José Camillo da Silveira Filho, Manoel Paulo Nunes, José Miguel de Matos, Artur Passos, Pedro Celestino, Raimundo José dos Reis, José Ribeiro e Silva, Maria Nerina Pessoa Castelo Branco, dentre outros, tendo à frente Raimundo Santana, empenharam-se na criação, durante a década de 1960, do Movimento de Renovação Cultural, com o objetivo de promover publicações de obras históricas e de literatura piauiense. Com isso, procurava-se quebrar “o tabu de que toda entidade cultural de Teresina nasce, mas não se cria”.

O Movimento de Renovação Cultural marca um tempo piauiense em que se vivencia um progresso material e mental e que gera animação e que permite o lançamento de diversos livros no Piauí. O Movimento de Renovação Cultural foi responsável pela produção e editoração de importantes obras de história, economia e literatura.

Já o surgimento do romance, da poesia e do conto renovador teria levado ao término do Movimento de Renovação Cultural em 1965, vindo a destruir as concepções literárias que os integrantes desse movimento fechado possuíam de que era possível criar o novo. Os intelectuais que faziam parte do referido movimento foram deixando o mesmo vencidos pelo romance, conto e poesia que adentraram no cenário literário piauiense (MOURA, 2010).

Assim, compreende-se que a obra de Fontes Ibiapina floresceu em meio ao Movimento de Renovação Cultural, mas que foi de fato tomada pelo romance, folclore e contos que apresentam marcadamente orientação regionalista que se sobressai devido ao talento do autor na exploração dos elementos que compõem sua escrita. Uma leitura envolvente é sempre possível de se encontrar nos contos, romances e folclore escrito por Fontes, leituras essas que com muita sensibilidade retratam o Piauí.

Sobre o cenário literário piauiense na década de 1970 Gislane Cristiane Machado Tôrres (2010, p. 1) salienta:

A literatura produzida no Piauí na década de 1970 possui um caráter diverso em virtude dos grupos culturais nela atuantes (com suas

propostas e significações várias dadas às suas obras), das instituições legitimadoras das práticas culturais, além da atuação do poder público no tocante a projetos de valorização e editoração a exemplo do Plano Editorial do Estado de 1972. Em torno desse projeto editorial, o cenário cultural da década de 1970 se movimentou perante as obras a serem escolhidas e também em torno dos autores e serem selecionados gerando disputas por legitimação e visibilidade onde as escolhas e, por conseguinte, as críticas recaiam, em sua maioria, para escritores ligados a Academia Piauiense de Letras.

Assim, aqueles que se dedicaram a literatura na década de 1970 no Piauí produziram obras diversas, pois tinham propostas singulares que marcaram suas obras. Devido às diferenças existentes entre as obras escritas na década de 1970 o cenário cultural piauiense movimentou-se bastante e as obras escritas foram alvo de críticas.

A obra fonteneana traz o homem como seu personagem principal e nela faz transbordar sua situação individual e social, de forma simples e cativante, *Fontes Ibiapina* mostra seu universo de ficção sem heróis, apenas com homens que vivem as desgraças de uma terra sofrida e que reagem ao destino que lhe é apresentado. A linguagem retratada pelo autor é o grande diferencial de sua obra, uma linguagem simples, coloquial, carregada de tons de humor e a cima de tudo original.

Sobre *Fontes Ibiapina* e sua obra Barros (2012, p. 16) comenta:

Ele mesmo sempre deixou claro que tudo o que escreveu, embora ficção, baseou-se em sua vivência de menino na fazenda. [...] E escreveu como ninguém. Foram exatos 266 textos, entre contos, romances, ensaios folclore e teatro, além de centenas de outros que produziu para diversos meios de comunicação.

A obra de *Fontes* foi, assim, muito extensa, baseando em sua infância na fazenda retratou em 266 textos a cultura e a tradição de seu povo. Dessa forma, produziu um acervo riquíssimo que lhe garantiu a cadeira de número 9 da Academia de Letras da Região de Picos. Sendo importante ressaltar sobre a riqueza das obras literárias de *Fontes*:

É fácil perceber a riqueza das obras literárias que *Fontes Ibiapina* deixou, inspiradas em uma região aparentemente maltratada, mas rica em tipos humanos e sinais de uma época promissora e de felicidade inocente. A sua convivência por aquelas idas e vindas, mergulhado até a alma no dia típico de uma fazenda interiorana, transformou-o em um grande escritor regionalista contemporâneo, resgatando e deixando para a eternidade um pedaço forte da cultura cabocla, da simplicidade do homem nordestino [...] (BARROS, 2012, p.16).

A riqueza na obra Fonteneana é mostrada nos detalhes de uma região que sofre com maus tratos naturais, de uma gente típica vivendo em uma determinada época. Sua obra conta com os romances *Palha de Arroz* (1968), *Sambaíba* (1971), *Tombador* (1971), *Vida Gemida em Samambaia* (1984), *Nas Terras de Arabutá* (1984) e *Curral de Assombrações* (1985). Os contos: *Chão de Meu Deus* (1958), *Brocotós* (1961), *Pedra Bruta* (1964), *Destino de Contratemplos* (1974), *Quero, Posso e Mando* (1976) e *Eleições de Sempre* (1986). A obra de Fontes Ibiapina conta também o Folclore: *Paremiologia Nordestina* (1975), *Mentiras Grossas de Zé Rotinho* (1977) e *Passarela de Marmotas* (1982). (OBRAS INDICADAS PELA UFPI, S/A).

Assim, Fontes Ibiapina foi uma contista, romancista e estudioso das tradições populares e do piauiense, sua obra tem aspectos do homem regional, o homem comum, utilizando uma linguagem simples, com tom coloquial e rústico, reproduzindo a linguagem interiorana, com enredos marcados por personagens fortes.

Alex Romero (2013, p.1) comenta sobre Fontes Ibiapina e sua obra:

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina foi contista, romancista e estudioso das tradições populares e do folclore piauiense, é apontado pela crítica como herdeiro do Romance de 30. Sua obra é permeada de “casos populares”, fixando aspectos do homem comum e regional. O conto se destaca como sua melhor forma de expressão. Da linguagem simples, com tom coloquial e humorístico, reproduz e transforma a linguagem interiorana, utilizando-se de provérbios, modismos, máximas, dizeres regionais, oralidades, clichês e lugares comuns. É o mundo do sertanejo marcado em sua obra – quadros naturais, sociais, lingüísticos e culturais. Seus enredos organizam-se de forma tradicional (principio- meio -fim). As personagens, via de regra, são planas. Não possuem grande complexidade, permanecendo uniformes no transcorrer narrativo.

O principal livro escrito por Fontes Ibiapina foi *Palha de Arroz*, um romance urbano, marcado pelo regionalismo, marcado pela maneira de se viver no sertão. O mundo sertanejo marca a obra Fonteneana, com a linguagem e a cultura do sertão, uma obra simples e rica em sua simplicidade, sem complexidade em sua narrativa.

Para Romero (2013) os personagens de Fontes Ibiapina retratam o meio em que viviam; seu cotidiano e os conflitos que marcam a luta travada pela sobrevivência no sertão, o cenário e o ambiente social são supervalorizados na obra

Fonteneana, tal obra mostrava um homem que era induzido pelo meio, ele era o que o meio o induzia a ser.

Aquino (2010) também debruça seu olhar sobre a obra de Fontes Ibiapina, destacando que este autor foi bastante premiado em concursos nacionais, ele tinha o hábito de ler diariamente. Sua obra literária está inserida na prosa regionalista do século XX, contextualizada no Brasil a partir da década de 1930. Sua linguagem era simples e atraente, seu tom era coloquial e humorístico, a linguagem interiorana foi em sua obra transformada e reproduzida, provérbios, modismos, máximas, oralidades, clichês e dizeres regionais eram utilizados constantemente por Fontes Ibiapina.

A obra Fonteneana mostra sua inquestionável significância para o estudo do Estado do Piauí, sendo desse modo, utilizada pela história, posto que a crítica de Fontes Ibiapina é eleita como uma das mais densas e qualificadas do Brasil, alcançando projeção internacional. Os brasileiros que Fontes apresenta em sua obra marcam o regionalismo, sobretudo o Piauí, ultrapassando as fronteiras do Estado e do país.

Fontes era muito dinâmico um observador dos símbolos culturais o que pode ser observado de maneira mais visível no folclore, suas impressões sobre as crenças e convenções, além dos modismos revelam traços das relações sociais e da riqueza de um ambiente para além do que descreve almanaques e catálogos.

Para Oliveira (2013) a orientação regionalista da obra Fonteneana se sobressai devido ao tratamento que o autor dispersa a sua narrativa. Devido à riqueza dos textos Fonteneanos as obras de Fontes Ibiapina são muito importantes para os picoenses, pois tratam de um retrato do cenário histórico de nossa cidade, podendo até mesmo retratar o passado deste lugar com maior veracidade que os pequenos escritos produzidos sobre a história de Picos. A literatura de Fontes Ibiapina traz, dessa forma, importantes informações sobre a história do Piauí, apresentando o cenário da mesma, de modo como algumas obras históricas jamais fizeram.

Observa-se que as obras Fonteneanas são um acervo cultural de grande valia para a disseminação da história piauiense, sobretudo, da região de Picos, o que se deve ao fato desta ser a cidade em que ele nasceu e passou sua infância até parte da sua juventude, onde viveu grandes momentos que foram retratadas por meio das personalidades que ele criou, cabe, ainda, salientar que a época vivenciada por

Fontes Ibiapina foi um período marcante, onde desenrolavam-se grandes acontecimentos que ele retratou de maneira fictícia em suas obras.

Dessa forma, as considerações tecidas aqui demonstram que a literatura pode ser utilizada como material para a construção de conhecimentos históricos e que a obra Fonteneana diante do regionalismo que demonstra, por meio de seus enredos e de seus personagens é uma importante fonte histórica que deve ser utilizada no ensino de história e ter disseminada sua relevância para conhecer a história do povo piauiense e suas nuances. Especificamente destacamos o Romance Urbano *Palha de Arroz* que ao misturar ficção e realidade nos mostra representações sociais da cidade de Teresina, capital piauiense, quando da época cunhada de Estado Novo, período em que Getúlio Vargas exerceu o poder executivo de maneira autoritária no Brasil, estabelecendo um governo ditatorial no país.

## 2 PALHA DE ARROZ E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CIDADE DE TERESINA DA DÉCADA DE 1940 SOB O OLHAR DE FONTES IBIAPINA

A intenção deste capítulo é apresentar as representações sociais da capital do Piauí, Teresina, sob o olhar de Fontes Ibiapina que tão bem retratou a cidade em seu romance *Palha de Arroz* que com toda a sua singularidade mostrou a possibilidade de abordar a história através da literatura, onde o livro nos remete a acontecimentos que marcaram o passado da capital, mas precisamente a década de 1940, acontecimentos os quais Fontes enxergou com os olhos de que fazia a ficção se misturar a realidade e construía a partir dessa sua sensibilidade palavras e mais palavras incapazes de se perderem no tempo, capazes de levar a história para diversas gerações sem, contudo, mostrar sua intenção disto.

Este capítulo apresenta uma Teresina edificada sob projetos políticos e econômicos pretensiosos que versavam pela modernização da capital, visavam inovar, trazer o crescimento para a cidade, sendo, assim, a cidade erguida sob o signo do moderno, mas marcadamente erguida sob a pobreza de seu povo, o povo sofrido que convivia com a sujeira, com a falta de higienização, o povo que não tinha energia elétrica e que muitas vezes moravam em casinhas de palha.

Foi a Teresina que desde sua fundação teve a marca da pobreza que Fontes Ibiapina fez observar em seu romance *Palha de arroz* que retrata uma Teresina abalada por incêndios criminosos em um período brasileiro cunhado de Estado Novo pela historiografia brasileira, período marcado pelo autoritarismo do Presidente da República brasileira Getúlio Vargas.

Assim, este estudo considera, primeiramente, de maneira breve a cidade de Teresina e em seguida traz as representações sociais nela contidas no romance *Palha de Arroz*, considerando a maneira peculiar de interpretar e pensar a realidade cotidiana, de conhecer a mentalidade de indivíduos e grupos sociais que vivenciam um determinado contexto que Fontes Ibiapina possuía e que fez de seu livro uma porta de acesso inigualável ao passado.

### 2.1 Erguida sob a égide da modernidade e da pobreza: Teresina

Para que a capital piauiense deixasse de ser Oeiras e passasse a ser Teresina houve uma série de debates em que o progresso político e econômico do

Estado era apontado para justificar tal transferência, uma capital que pudesse se desenvolver financeiramente, progredir no tocante ao transporte, que fosse um lugar novo e também sinônimo de inovação e modernidade, que apontasse um futuro promissor, assim Teresina era apontada para ser a capital. Buscava-se pelo novo, espaço moderno, novas possibilidades de transporte, de comércio que viesse a superar o velho, que pudesse superar o antigo, o que já estava ultrapassado.

A mudança da capital de Oeiras para Teresina e o incremento da navegação a vapor eram condições tidas como fundamentais pelos homens públicos para o desenvolvimento da Província e para a independência do seu comércio em relação ao Maranhão. Essas medidas deveriam ser complementadas com a abertura de estradas de rodagem ligando as regiões produtoras aos portos fluviais. Esse projeto, lentamente elaborado ao longo de várias décadas, só veio a afirmar-se no início do século XX, com as alterações conjunturais advindas do extrativismo [...] (QUEIROZ, 1998, p. 21).

A mudança da capital de Oeiras para Teresina estava relacionada, sobretudo, a aspectos econômicos, era preciso incrementar o comércio da província e no século XX as alterações que o extrativismo trouxe ao cenário do Piauí possibilitou que o plano de transferência da capital fosse posto em prática.

É preciso destacar as mudanças que possibilitaram a transferência da capital da província do Piauí, pois este acontecimento é fruto das diversas transformações ocorreram no Brasil no decorrer do século XIX, onde a maior delas foi à implantação da República, as transformações seguiram no início do século XX e as mudanças sofridas durante esse período que dizem respeito principalmente à política, mas afetaram também economia e o meio social como um todo atingiram gradativamente cada província brasileira, onde destacamos que o Piauí não ficou imune diante dessas transformações, suas estruturas, assim como as das demais províncias, posteriores Estados, brasileiras sofreram reviravoltas.

Na segunda metade do século XIX o Piauí passa por um período de construção de uma relação com o poder central, onde no cenário piauiense se destacou a figura do presidente da província José Antônio de Saraiva, o responsável pela mudança da capital de Oeiras para Teresina, fato, certamente, de maior destaque na história do Piauí no século XIX, conforme pensam o historiador Odilon Nunes (S/A) e a historiadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (1998) Saraiva era um homem com muitas ideias e planos, disposto a empreender mudanças na

política administrativa do Piauí, onde a par dos diversos problemas que envolviam a província, lhe despertava principal interesse a mudança da sede do governo.

Foi realizado, então o projeto de transferência da capital de Oeiras para Teresina, Saraiva estava à frente dessa mudança, tanto como idealizador, como convencendo os membros do governo a aceitarem a mesma, sua proposta pautava-se na argumentação de que a transferência de capital tinha intenção de desenvolver a economia do Piauí, para a realização de tal feito mostrava-se necessário fazer uma limpeza do Rio Parnaíba tornando-o navegável.

Conforme se adentrou no século XX, o Piauí ingressava no comércio internacional e ficava mais suscetível as crises mundiais, de modo que sua economia ganha cada vez mais complexidade e não consegue superar seus entraves ligados a comunicação e transportes, de modo que tal estagnação acaba por ocasionar a pobreza de sua população.

Assim, a projeção da capital Teresina, conforme Francisco Alcides do Nascimento (2002) se deu sob a ideia do moderno, mas a pobreza estava impregnada em sua estrutura. Os problemas encontrados para dinamizar a capital do Piauí fizeram com que a mesma por muito tempo configurasse apenas como uma cidade pequena, suja e que apenas ansiava por modernização. Foi já no período entre 1937 e 1945 que Teresina recebeu tratamento urbano, na busca por criar um espaço moderno, áreas de sociabilidade, afim de o novo superar o antigo.

Embora, a transferência da capital da Província do Piauí de Oeiras para Teresina, fosse pautada na ideia do novo, como se o indesejado pudesse ser destruído com facilidade e rapidez, tais representações de modernidade tornaram-se insuficientemente eficazes, pois o outro existia e, possivelmente não seria fácil removê-lo. Dessa forma, entende-se que as representações criadas em torno do civilizado correspondiam aos interesses de determinados grupos sociais, pois:

As representações do mundo real, assim construídas, embora aspirem à universalidade e um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER,1990, p. 17).

Diante do exposto, pode-se afirmar que as representações criadas em torno das ideias de sociabilidades, de modernidade, de novos espaços, de civilidade, não correspondiam aos interesses de todos, aliás, faziam parte das aspirações de

determinados grupos sociais. Assim sendo, é plausível afirmar que algumas camadas populares foram excluídas ou esquecidas do projeto de modernização de Teresina, ficando a margem da sociedade, construindo grupos sociais específicos como, por exemplo, a população mais pobre, as prostitutas, os ladrões, os delinquentes, os pedintes, os moradores das casas de palha. Desse modo, faz com que pensemos sobre essa sociedade marginalizada e como a mesma pode ser observada em obras e estudos, se observadores desse tempo trouxeram contribuições históricas ao observar esse tempo.

Dessa forma, é que nos deparamos com o romance do escritor piauiense Fontes Ibiapina, *Palha de Arroz*, que observou que Teresina recebeu tratamento urbano, ganhou novas áreas de sociabilidades, transportes modernos, mas que havia o outro lado gente que lidava com a falta de água encanada, sem luz elétrica e ruas sem calçadas, gente pobre e humilde que necessitava sobreviver em uma cidade construída sob a égide do moderno, mas também da pobreza.

## **2.2 O romance *Palha de Arroz* e a Teresina da década de 1940: representações sociais construídas por Fontes Ibiapina**

Diversas formas podem ser utilizadas para representar uma sociedade, uma época, cada representação depende do olhar, da sensibilidade de quem observa. As representações muitas vezes são construídas através de percepções da realidade. Foi dessa forma que Fontes Ibiapina trouxe a cidade de Teresina e as peculiaridades de uma época que ela vivenciava, através de personagens fictícios, ele misturou história e literatura, cumprindo a função de literato e historiador, aproximou história e ficção de uma tal forma que trouxe uma história permeada de verdade, através de personagens imaginários.

Nesse sentido Virgínia Camilotti e Márcia Regina Naxara (2009) comentam a tênue relação entre história e literatura que permitem uma representação única e com elementos abrangentes:

A utilização de fontes caracterizadas como literárias ou portadora de literariedade ocorre, portanto, neste caso, por formas múltiplas, pela própria abertura, também múltipla, aos significados que possam vir a ser operados e buscados na relação entre textos nos seus mais diversos gêneros [...]. (CAMILOTTI; NAXARA, 2009, p.40).

A literatura, dessa forma, traz múltiplas possibilidades em sua utilização, a mesma em muitos casos pode ser utilizada como fonte histórica e dela podem ser retirados inúmeros significados. Assim, a literatura encontra-se muitas vezes com a história e o romance *Palha de Arroz* é um exemplo dessa estreita relação e que nos traz a possibilidade de conhecer uma Teresina que ficou marcada pela vivência de seus personagens singulares.

O romance de Fontes Ibiapina, *Palha de Arroz*, traz representações sociais da cidade de Teresina, o mesmo traça em sua história de ficção elementos que são reais, acontecimentos que dão caráter histórico ao romance e que denunciam uma sociedade excludente, onde a Teresina que foi construída sob o signo do moderno, do novo confrontava-se com uma Teresina marcada pela pobreza e mostrava-se como uma sociedade excludente. *Palha de Arroz* era um Bairro, na história de Fontes Ibiapina, com uma população que vivia um tempo e um espaço na década de 1940.

A década de 1940 era época do governo Vargas, época em que o Presidente comandava o país de forma ditatorial, esse período possibilitou a melhoria do esquema de Vargas para dominar as massas. Segundo Daniel Praciano Nobre (2012) Vargas assumiu tons de Ditador no Estado Novo e imprimiu a censura ao mesmo passo reprimiu os movimentos sociais, mas fez concessões no intuito de melhorar o modo de vida da população e era exatamente por essa estratégia que Vargas detinha o apoio de grande parte da população, enquanto uma parcela, consideravelmente menor, lhe fazia oposição, nessa estratégia foi de grande importância o Trabalhismo, uma ideologia que punha Vargas como o doador da legislação trabalhista. Todavia, as melhorias do governo de Vargas não alcançavam a todos e muitos sofriam com a pobreza nessa época.

Cabe salientar sobre o período do governo Vargas cunhado de Estado Novo, na compreensão de Maria Helena Capelato (2012), foi um Estado forte e autoritário. Vargas outorgou a Constituição de 1937, passando a governar com plenos poderes, estabelecendo uma ditadura. O legislativo foi fechado, os partidos foram extintos, as greves e as manifestações foram proibidas, houve torturas e mortes neste período, no entanto Vargas procurava deixar tudo isso as sombras usando de seu populismo e sua política trabalhista, lembrando os regimes totalitários fascistas da Europa.

Ainda conforme Capelato (2012) a ditadura do Estado Novo se sustentava pela Constituição outorgada em 1937, chamada de Polaca, pois se baseava na

Constituição fascista da Polônia. Esta Constituição era autoritária, conferia a Getúlio instrumentação ditatorial e estabelecia o predomínio do Executivo sobre os demais poderes, intervenção nos Estados, fim da liberdade de Imprensa, fim das eleições diretas. A polícia política era outro pilar de sustentação do Estado Novo, a mesma era comandado por Filinto Müller, esta polícia perseguia os inimigos do regime e seus métodos baseavam-se na delação e tortura.

O romance *Palha de Arroz* de Fontes Ibiapina traz várias alusões ao aspecto temporal do governo ditatorial de Getúlio Vargas, como referências a Segunda Guerra Mundial, cartas que o personagem Pau de Fumo escreve para seu amigo Parente e que apresentam datas, dessa forma o romance deixa implícito a sua temporalidade ao passo que menciona Segunda Guerra Mundial, Ditadura de Getúlio Vargas, governo de Leônidas de Castro Melo no Piauí, 1935-1945, que se encontram fragmentados em momentos do texto, sendo que Leônidas de Castro Melo recebe o pseudônimo de Lucídio Costa Meira.

A página 30 do livro *Palha de Arroz* de Fontes Ibiapina traz menções a acontecimentos que remetem a momentos históricos, apresenta um tempo cronológico, é um romance em que ocorre a ligação entre o tempo da ficção e o tempo oficial, onde pode-se perceber nitidamente que se tratava do Estado Novo e do período da Segunda Guerra Mundial.

[...] Também o presidente era cúmplice como Ditador, bem que podia meter o braço e dar um jeito. [...]

[...] Os incêndios tiveram início ainda no quente da guerra. O mundo quase todo em plena luta. Verdade que agora a excomungada guerra havia levado o seu fim. (IBIAPINA, 2007, p.30).

Enfim, o romance literário que analisamos tem sua compreensão na história e está permeado de fatos que envolvem uma época, um espaço, uma sociedade singular. Vivenciava-se o governo de um Presidente Ditador, como se observa no trecho acima, e os incêndios que devastavam o Bairro Palha de Arroz, quando de seu início, foram situados ao mesmo período que a Segunda Guerra Mundial.

O tempo fica marcado em *Palha de Arroz*, também, nas datas que aparecem explícitas em passagens das obras em que são realizadas leituras de cartas:

Genoveva parou de cantar. Ia ler uma carta de um padre para uma moça, para o maior amigo de seu marido ouvir.  
E vai começando a leitura:  
Teresina, 5 de junho de 1945.

Minha querida filha... (IBIAPINA, 2007, p. 108).

O espaço que o romance de Fontes Ibiapina retratava em *Palha de Arroz* era a cidade de Teresina. De acordo com Francisco Alcides do Nascimento (2011), em seu trabalho “Teresina, a capital que nasceu sob o signo do moderno e da pobreza”, no começo do século XX, a cidade era pequena e sem nenhuma infraestrutura básica. Animais circulavam pelas ruas, com desenvoltura, sem que o poder público tomasse providências para cessar sinal de atraso percebido pelos cronistas. Esses sinais são captados pelo olhar de alguns moradores e visitantes.

Partindo dessa afirmativa das variadas significações atribuídas à cidade de Teresina crescida através de antagonismos tais como modernidade e pobreza, percebe-se a possibilidade de entendimento das relações sociais, das formas de trabalho, dos conflitos cotidianos da cidade a partir das singularidades e multiplicidades da escrita da história.

Conforme Francisco Alcides do Nascimento (2002) em *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)* Teresina até o início da década de 1940 era um centro urbano com uma população de 67.641 habitantes, sendo que destes 34.695 habitavam as zonas urbanas e suburbanas, sem que houvesse na cidade uma efetiva divisão entre o campo e a cidade. A cidade deu entrada na década de 1940 com adensamento populacional bastante lento, mas conseguindo conquistar pessoas que saíam do interior piauiense em busca de serviços educacionais, de saúde e que chegavam a Teresina com expectativas de melhor qualidade de vida e de trabalho.

Fontes mostrou que a história pode ser escrita através de pontos de vistas diferentes, quer seja de historiadores, literatos ou intelectuais que podem narrar preocupações sociais de seu tempo, o que irá diferenciar os historiadores de demais pensadores sociais é o caráter científico e crítico que a história propõe. Com isso é necessário pautar a pesquisa historiográfica em conceitos que irão fundamentar esse novo olhar da História, conforme Sandra Jataí Pesavento (2005):

O primeiro desses conceitos que reorienta a postura do historiador é o da representação. Categoria central da História Cultural, a representação foi, a rigor, incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX. (PESAVENTO, 2005, p. 39).

Para Pesavento (2005), as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. Perceber a realidade, descrever relações sociais, denunciar conflitos da cidade como a pobreza, a falta de oportunidades, a precariedade das moradias, a prostituição, a marginalização do indivíduo na sociedade, são algumas das representações sociais trazidas por Fontes Ibiapina em seu Romance Urbano *Palha de Arroz*, que retrata a cidade de Teresina da década de 1940, com ruas sujas, casas pobres cobertas com palha, a escassez de trabalho que faz com que o indivíduo roube e justifique o ato como uma defesa, a “Capital Piauiense” em busca da modernização, mas que não possuía energia elétrica.

O Romance *Palha de Arroz* se traduz em denúncia, em um grito em favor dos mais fracos, marginalizados da sociedade elitista, que fazem parte de um grupo social erguido sob o signo da pobreza, da mendicância, que veem suas casas queimadas, que perdem o pouco que conseguiram construir e, além de tudo passam a fazer parte da “suspeição generalizada”, pois estão inclusos nas chamadas “classes perigosas”, visto que em determinado momento são acusados de incendiários, talvez porque fosse preciso justificar os incêndios e nada melhor do que justificá-los através daqueles que não possuíam defesa. Dessa forma verifica-se que partindo de uma história fictícia é possível tratar de acontecimentos reais e *Palha de Arroz* é exemplo disso.

O fumo subia. Subia dos tetos, em rolo escuro e denso. Aquilo já ia para um bocado de tempo. Casas e mais casas de palha se queimando. Sem ninguém saber de onde vinha o fogo. Mistério? Não, que mistério não existe. Todavia, de qualquer maneira, incêndios metidos a misteriosos. Quase que todo santo dia dois, ou mesmo até mais, incêndios na cidade. Sem distinção de bairro. Sem quase distinção de classe. Bem, mas os ricos nada sofriam, porque moravam em casas de telhas. Mas casas de pobres, ou mesmo de alguns metidos a rico, tudo se ia. [...].

A fumaça subia. O bairro Palha de Arroz todo se queimando duma só vez. Ia bater o recorde. Ia ser a maior de todas as fogueiras dos incêndios de Teresina. De qualquer maneira, seria uma glória, mesmo que fosse (como de fato era) uma glória triste. (IBIAPINA, 2007, p. 28).

A exclusão social da Teresina na década de 1940 é notável nesse trecho do livro *Palha de Arroz*, onde retrata os incêndios criminosos que aconteciam na capital, que atingia os mais pobres, moradores de casa de palha, em que o autor deixa claro sua percepção de que os incêndios não eram misteriosos, pois os mesmos iam de

encontro aos interesses de um determinado grupo social, tendo em vista que o fogo era um agente de limpeza que eliminava do centro da capital a pobreza, a feiura e a sujeira, pois era preciso modernizar Teresina a qualquer custo.

A arquitetura da cidade de Teresina foi ganhando traços modernos a partir da década de 1920, transformando a paisagem local. Mas a cidade que não acompanhava essa modernização, onde não havia energia elétrica e animais eram criados soltos nas ruas, as doenças se disseminavam e a população morava em casas de palha, que eram proibidas nas zonas centrais. (NASCIMENTO, 2002), é justamente esta outra cidade que Fontes Ibiapina traz em seu livro.

Nessa perspectiva o título do livro de Fontes Ibiapina é um nome de um bairro que realmente existiu em Teresina da década de 1940: “[...] Palha de Arroz, zona de prostituição e de pobreza extrema, onde foram queimadas casas durante cinco dias consecutivos, quando desde o primeiro se achava interditada e vigiada pela polícia”. (NASCIMENTO, 2002, p.270).

Temos no início do romance *Palha de Arroz* uma descrição do bairro, que nos remete a cidade de Teresina e as características que a mesma apresentava e que iam contra a idealização sobre a qual foi erguida:

Ruas quietas dentro duma tarde cinzenta de janeiro. Quase nada de movimento por aqueles becos estreitos e sujos entre casas pobres. O sol assim como se enferrujado. Quase mesmo que querendo se apagar de todo. Era assim uma coisa como se o próprio tempo estivesse de propósito para abafar o movimento daquelas vivalmas que por ali labutavam e faziam outras coisas. Palha de Arroz não era bairro, nem de longe, propenso à tamanha tranquilidade [...]. (IBIAPINA, 2007, p. 11).

Desse modo, uma Teresina com bairro pobre, onde as ruas caracterizavam-se por serem becos estreitos e sujos aparecem nos escritos de Fontes Ibiapina. O bairro Palha de Arroz é apontado como um lugar nada tranquilo, o que contradizia com o momento apresentado, onde não se mostrava movimento algum de pessoas, onde o tempo parecia ter abafado qualquer movimentação.

Observamos o livro *Palha de Arroz* através da perspectiva da Nova História Cultural, que nas palavras de Pesavento é nova porque houve uma antiga ou tradicional História Cultural em que foram deixados de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura e, portanto como domínio da elite. (PESAVENTO, 2005) é imprescindível estabelecer um

debate da Literatura como fonte, tendo em vista que “a obra literária é perscrutada pelo olhar do historiador que, de seu presente, propõe e escolhe caminhos a serem percorridos, buscando possibilidades nessa incessante relação de construção do passado. A literatura é nesse sentido um lugar de boas perguntas acerca de um problema [...]”. (CAMILOTTI, NAXARA, p. 2009).

O livro de Fontes Ibiapina contribui para o entendimento da sociedade teresinense da década de 1940, pois ele representa essa sociedade, ele a recria. Através da representação social trazida por Fontes Ibiapina, em que o escritor perpassa as fronteiras da ficção e invade as fronteiras da história, mesclando o real e o imaginário, em forma de Romance a sociedade teresinense é (re) escrita, seus conflitos são narrados, sua hipocrisia é denunciada, o homem figura entre os papéis impostos socialmente de ser bom e honesto e entre os impostos pelo instinto humano de sobrevivência: “[...] Quando não encontro serviço, peço. Quando não encontro quem não me dê nada pra comer [...], roubo. [...] é instinto de conservação, caso de necessidade”.

A fala do personagem principal do livro, Chico da Benta (mais conhecido como Pau de Fumo) é antes de tudo a representação de uma sociedade excludente, de uma sociedade em que o instinto de sobrevivência aflora, para comer Pau de Fumo roubava, pois, assim, era garantida sua vida, era preciso comer para prosseguir, era preciso achar maneiras de se alimentar em uma sociedade desigual, em que a pobreza rondava e a precariedade contrastava com o modernismo sob o qual Teresina havia sido erguida. “[...] Desigualdade de classe é um imperativo da própria sociedade. Em todos os tempos, todos os lugares, sempre houve e há gente de todas as camadas-branco e preto, rico e pobre, culto e analfabeto”. (IBIAPINA, 2007, p.183).

As palavras de Fontes Ibiapina nos faz perceber que o autor enxergava uma sociedade completamente dividida e desigual, onde havia clara distinção entre classes sociais, em que na maior parte das vezes as necessidades cruciais para a sobrevivência era o que determinava o futuro do indivíduo e, de certa forma nos faz compreender o porquê a divisão de classes existiu e existe, pois em todas as épocas, em todos os locais sempre houve e há um grupo dominante que exerce seu poder sobre as camadas populares marginalizadas.

Um das características mais importantes da obra é justamente quando o autor descreve os personagens e suas peculiaridades, narrando acontecimentos diários,

coisas corriqueiras mais que muito nos dizem sobre o contexto social e histórico daquela época. O modo de vida e os conflitos dos moradores de Palha de Arroz nada mais são do que o retrato de outra cidade que existe e vive dentro da cidade planejada, da cidade idealizada para ser a capital, que no seu anseio para se modernizar ignora, exclui e, sobretudo vigia aqueles que não se enquadram em seu projeto de modernização.

Os personagens de Palha de Arroz são em sua maioria pessoas humildes que buscam ganhar a vida de diversas formas, alguns pela falta de oportunidade acabam caindo no crime, na prostituição, outros preferem levar uma vida regrada, cheia de privações, do que mergulhar na criminalidade. Quase todos os personagens são pessoas ignorantes, sem instrução, com pouco ou nenhum estudo com exceção do protagonista Pau de Fumo, este sim havia estudado e conseguia interpretar de forma mais analítica o mundo a sua volta, mas não pode concluir seus estudos e ser “doutor” porque perdeu seus pais muito cedo.

Através do protagonista que era um homem culto, que por consequência do destino também se viu à margem da sociedade, Fontes Ibiapina nos apresenta uma visão crítica do social que mostra o indivíduo não como produtor, mas como produto do meio em que vive, pois para cada ação existe uma reação, assim se não há oportunidade há o desemprego, que leva a fome, que leva o sujeito a roubar, este por sua vez será preso, no entanto é neste momento que a hipocrisia e a negligência falam mais alto, pois a condição de cidadão do sujeito é ignorada e somente será julgada sua condição de ladrão.

A percepção de Fontes em *Palha de Arroz* é uma percepção social que mostra a possibilidade de identificar sensibilidades, multiplicidades e singularidades presentes em um tempo, em um lugar. Destarte, *Palha de Arroz* se configura em muito mais do que o olhar de um simples observador, ele mostra a construção de signos sobre o social, mostra a capacidade do escritor de ser um indivíduo formador de opinião que (re) constrói uma história a partir do seu local de memória, alguém que traz uma forma singular de escrever histórias de vida que foram silenciadas, talvez por que correspondiam aos interesses da minoria, captadas pelo autor de uma forma realista que, no entanto, não perde as essências de imaginação e beleza que a Literatura possui.

*Palha de Arroz*, inegavelmente, ao abordar os incêndios criminosos em Teresina, na década de 1940, de mostrar a exclusão existente nessa sociedade, os

problemas sociais de maneira crítica e sensível mostram a permeação de uma fronteira que aproxima História e literatura e vice-versa baseado, sobretudo nas novas concepções do fazer historiográfico, trazidos em pauta pela chamada Nova História Cultural, permitindo debates sobre representações sociais, sobre a relação entre História e Memória, sobre fronteiras entre História e literatura e sobre o lugar social ocupado pelo autor na construção de signo, mostram assim como é possível à construção histórica através da literatura, onde realidade e ficção se misturam e deixam suas marcas no tempo.

A afirmação de Denise Jodelet de que “Sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta. Além de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam; é por isso que criamos representações”. (JODELET, 2001, p.17), contribui para reforçar o exposto de que a sociedade pode ser (re) escrita através das (re) construções de seus conflitos, valores, pensamentos e problemas que pertencem a determinado tempo, isso pode ser feito por meio das representações sociais.

Fontes Ibiapina trouxe a História através da literatura, mostrou a possibilidade de utilizar a Literatura como fonte histórica. *Palha de Arroz* configurou-se como uma obra que trouxe as representações da sociedade teresinense através dos incêndios da cidade de Teresina, que hoje contam com documentos que os registram, comprovando-os, com as histórias de seus personagens únicos e que mostram a realidade vivenciada por pessoas simples em uma determinada época.

É a cidade de Teresina que é retratada no romance de Fontes Ibiapina, é a cidade que é abordada em um momento em que discussões sobre civilidade e modernidade, contraditórias em si, pois cresce sob antagonismos sociais do moderno, do novo, do necessário paralelo à realidade marcada pela pobreza, pelo antigo, pelo ultrapassado, pelo desnecessário. Pesavento (2007, p. 11) discute acerca das cidades:

Ser cidadão [...] implicou forma, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra escrita ou falada, fosse pela música [...] fosse pelas imagens [...] que a representavam [...] fosse ainda pela prática cotidiana, pelos rituais e pelos códigos de civilidade [...] o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir [...] criando outras tantas cidades [...].

As afirmações de Pesavento (2007) possibilitam entender que a cidade é uma criação do homem, e esse é movido sempre pela necessidade de (re) construção deste espaço de sociabilidades, de difusões culturais, de formas de comportamentos sociais, da maneira de vestir-se, de atuar no espaço social, e tudo isso se encontra carregado de símbolos.

Em relação a aspecto da cidade como construção humana Fontes Ibiapina constrói e analisa representações sociais em relação aos incêndios da cidade de Teresina de 1940, mostrando toda uma simbologia que foi criada em torno da modernização da Capital Teresina, tendo em vista as casas cobertas por palhas serem um dos elementos que impediam a civilidade e a modernidade, pois eram símbolos de pobreza, feiúra e sujeira.

Os incêndios que acometeram Teresina, na compreensão de Nascimento (2002) são relacionados à ideia de modernização da cidade, com a modernização policial da época e com a tortura e a repressão explícita que se apresentou na época. Os incêndios tem relação, ainda, com a mudança de comportamento dos moradores, onde os que tinham casas cobertas de palha procuravam trocar as mesmas por telhas e outros se afastavam cada vez mais da cidade, alguns diante da modernização e de sua falta de condição para acompanhá-la deixavam a cidade e voltavam para a zona rural.

O romance *Palha de Arroz* é uma obra rica em regionalismo, mesmo se passando no meio urbano, pois o regionalismo sempre foi temática fonteniana, onde realizou produções fecundas e bastante fieis ao meio rural, a maneira de viver do piauiense habitante do sertão. O livro traz uma Teresina entre a modernidade e a pobreza, um contraste entre o novo e o antigo, em que a pobreza de um povo ia contra ao ideal de cidade, de sociedade que se esperava vivenciar.

*Palha de Arroz*, uma das obras mais expressivas do escritor piauiense Fontes Ibiapina, traz uma representação da sociedade teresinense da década de 1940 e nos traz uma reflexão dos tipos sociais forjados no abandono e simultaneamente no hostil controle do Estado durante um período da história brasileira cunhado de Era Vargas, a história se passa nos subúrbios da capital piauiense, Teresina, desse modo, mostra uma Capital diferente do que se projetou, onde se buscava que a mesma, mostrasse riqueza e desenvolvimento, enquanto seu subúrbio vivenciava pobreza e mazelas.

O romance *Palha de Arroz* associa a vida pulsante ora ignorada pelas autoridades e elite teresinense, ora esquecida e mais ainda, vigiada, controlada pelos que oficializam o poder e o tomam em causa própria na capital piauiense. O referido romance apresenta os extremos dos incêndios criminosos que aconteceram em Teresina, mostra às águas intempéries das enchentes e catástrofes banalizadas, vividas pela população suburbana do Piauí.

A história de *Palha de Arroz* é contada através de personagens marcantes como Parente, sendo que o rio para este significava desgraça, calamidade, mas por outro lado era fonte de sobrevivência, tinha, pois, dois lados que se confrontavam bastante, lados opostos cada qual com sua relevância na vida desse personagem que sobrevivia resgatando corpos de vítimas afogadas no Parnaíba. A morte era sua fonte de renda, pois aqueles que se afogavam no rio, eram resgatados por Parente, o que lhe gerava renda. Estes personagens dão vida ao romance e ajudam a compreender como era a vida de uma parcela considerável da sociedade teresinense em uma determinada época, representam, pois, o social, são os tipos sociais encontrados em Teresina.

*Palha de Arroz* mostra o rio, tão importante no projeto da cidade, onde as águas muito além de servir ao desenvolvimento da Capital matavam, mas que este estava longe de ser o único problema enfrentado pelo povo que passava por vários tipos de sofrimento, passava a dor de viver nas cadeias públicas, sofria com o desemprego, passavam por situações de abandono, muitas mulheres acabavam por aderir ao ramo da prostituição, famílias eram desfeitas.

Dessa forma, Fontes Ibiapina mostrou em *Palha de Arroz*, assim como em outras de suas obras, chagas sociais de uma sociedade que antes de ser caracterizada como do meio urbano ou rural era apresentada como uma sociedade marginal, que sofria com a falta de alimentos, que sofria com o desemprego e que era fortemente marcada por injustiças sociais que se mostravam profundas em face a estrutura do Estado.

Fontes Ibiapina retrata uma sociedade marginal em sua obra, uma sociedade que passou a sofrer muito mais com os incêndios criminosos que atingiam mais que os papelões dos casebres onde moravam, cercados por palha de arroz, reduziam a cinza os sonhos, as forças, a capacidade de organização porque fragilizava os mecanismos de ver e agir daquele povo. Era, pois incendiado pela prostituição, pelas tensões emergidas do cenário social de Teresina na década de 1940.

Os incêndios que acometeram Teresina na maioria das vezes causavam apenas perdas materiais, mas ora ou outra ceifavam vidas, sendo que geralmente as vítimas fatais eram crianças e idosos que tinham problemas para se locomover e, assim, acabam morrendo em meio às chamas. Os incêndios eram criminosos, todavia a motivação para os mesmos não encontram-se explícitas em nenhuma narrativa policial, as marcas históricas levam a dedução de que as casas de palha não condiziam com a modernização de Teresina, pois marcavam a feiúra e a falta de higiene do lugar. (NASCIMENTO, 2002).

A história se passa nos bairros Palha de Arroz e Barrinha e a intenção primordial é retratar a identidade dos tipos sociais que nesses bairros residiam. Os bairros eram seu espaço social, onde os mesmos mostravam-se como sujeitos que não possuíam direitos. Os tipos sociais representados em Palha de Arroz apenas sobreviviam, sua sobrevivência precisava ser garantida a qualquer custo, inclusive se fosse necessário os sujeitos matavam uns aos outros.

Destarte Fontes Ibiapina em Palha de Arroz apresenta sujeitos que expressam a altivez da luta pela sobrevivência, em uma conjuntura sócio cultural dicotômica de um povo aparentemente dado ao abandono e ao mesmo tempo, vigiado, servindo por expedientes diversos, à ideologia do estado burguês.

O cenário onde se passa o romance fonteniano caracteriza-se pela desordem e mesmo assim está à ordem implícita, a mesma é imposta pelo Estado que estar ausente na assistência à população, mas bastante presente e vigilante quanto à segurança daqueles que vivem fora, são externos ao ambiente, não oferece escolas, “disponibiliza” prisões, não oferece emprego, mas deixa suas marcas no trabalho forçado.

Assim, o romance *Palha de Arroz* de Fontes Ibiapina, destacável escritor piauiense, retrata os tipos sociais mais controversos, aqueles que a sociedade piauiense insistia em não enxergar, e ao ignorá-los culminava a violência sócio cultural contra uma expressiva parcela da população, exatamente os mais necessitados, marginalizados, cuja porta de entrada para o crime era a sua condição de “invisibilidade”, cujo direito fundamental era compreender que não tinha direito algum.

É a banalização da vida nos prostíbulos, em cujas dominações já se percebe a ironia como recurso crítico do escritor a uma sociedade que pede socorro, a exemplo, os bordeis: “Curral-das-Éguas” “Balança-Cu”, “Pau-Não-Cessa”, dentre

vários. Os aspectos bestiais da vida, presente no deboche e na banalização do crime soam como denuncia na qual o escritor expõe a vida como ela é em espaços que ninguém quer ver.

Em *Palha de Arroz* temos retratada uma sociedade hostil com os marginalizados, mas não impõe secções deterministas ao ser. Ao contrario, retrata a escolha de caminhos com possibilidades, ainda, que eximias, de superação. No âmbito da conjuntura social o romance aborda ainda incêndios criminosos praticados contra a população suburbana, o autoritarismo policial do Estado Novo, período ditatorial do governo de Vargas, através da construção de presídios para menores e da instituição de trabalho forçado a presos, o elitismo e o clientelismo na saúde pública, além do caos relacionados a epidemias e endemias. Mas chama bastante a atenção a forma como escritor conduz o destino das personagens baseado nas oportunidades, ou na falta delas, a partir de suas relações com representantes do Estado, o silencio, a tortura e a morte.

Desse modo, *Palha de Arroz* mostra uma mistura entre realidade e ficção, uma história com um povo assolado pelas águas do rio Parnaíba que inundam a periferia em tempos revoltos, mas que também é enfeite da paisagem urbanística. O livro traz o povo que incomoda e causa desconforto à burguesia, povo ainda incendiado em palhas de arroz, em incêndios criminosos que dão o tom a mais celebre história de Fontes Ibiapina.

*Palha de Arroz* é certamente uma fonte literária que casa-se perfeitamente com a História, um livro que trouxe uma representação impar da sociedade teresinense em uma época em que o povo vivia o moderno, o novo, mas que não havia muitas esperanças no subúrbio, onde a pobreza alastrava-se e o povo sofria com incêndios criminosos que tornavam sua vida muito mais difícil do que normalmente já era. Os tipos sociais que Fontes retratou como seus personagens são o povo que vivenciou a realidade de uma época e que nas linhas literárias ficaram grafados na história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pôde observar que a historiografia expandiu-se nos últimos anos, de modo que pode tornar-se mais rica à medida que interessava-se por novas fontes, seguia novos caminhos acabando por se tornar mais abrangente, diversificando em suas abordagens, mostrando uma nova face a produção da história. Foi em meio a essa percepção de que muitas são as fontes que podem servir a história que a literatura começou a se destacar, mostrando que a mesma traz em si uma memória que se contextualiza com aspectos sociais e culturais que marcam uma determinada época e, assim, servem para estudar as sociedades.

Diante da concepção de que a literatura é uma fonte histórica foi que debruçamo-nos sobre a obra *Palha de Arroz* de Fontes Ibiapina, filho de sertanejo, estudante, professor, advogado, jurista e literato João Nonon de Moura Fontes Ibiapina tinha uma visão ampla de seu tempo, daquilo que vivenciou e que ficou impregnado em sua memória e, assim, passou aos seus escritos, o que fez com que os mesmos fossem reconhecidos pela comunidade acadêmica, ao passo que criava personagens marcantes e apresentava o regionalismo piauiense de maneira singular.

Destarte observa-se que a obra fonteniana por todo o seu significado, pela ligação com momentos históricos na qual sua narrativa se insere é de grande valia para o estudo da história piauiense. O livro *Palha de Arroz*, que foi destacado nesse trabalho mostra-se como um romance vivo em tipos sociais, contribuindo para o estudo da história local, constituindo-se, portanto, em uma fonte histórica que traz representações sociais da cidade de Teresina na década de 1940, momento em que o Brasil vivia a ditadura do Estado Novo através do Presidente Getúlio Vargas, quando Teresina erguida sob a égide do moderno convivía com a pobreza do subúrbio e era marcada por incêndios criminosos.

Fontes Ibiapina é, assim, um contista, romancista e estudioso das tradições populares e do Folclore Piauiense, herdeiro do romance dos anos de 1930. A significância da obra de Fontes Ibiapina encontra no regionalismo que apresenta a fidelidade das terras piauienses, revelando profunda observação deste Estado, tantas vezes esquecido, foca o homem como personagem e o meio social no qual vive o interesse literário de sua obra.

Assim, *Palha de Arroz* mostra a Teresina da década de 1940 através dos tipos sociais que nela viviam, mostra a importância das águas do Parnaíba e a dor que as mesmas podiam trazer, os prostíbulos da cidade, os incêndios que maltrataram ainda mais um povo já bastante assolado pelas mazelas do mundo, em fim o romance traz representações sociais de Teresina que dão conta da realidade vivenciada em uma época através da união entre ficção e realidade.

Por fim reafirmo a importância da obra literária para o campo da historiografia e a relevância do Romance *Palha de Arroz* e de seus personagens, marginalizados, excluídos de um Projeto de modernização que os ignora. Ressalto a importância dos escritos de Fontes Ibiapina para o entendimento da Teresina da década de 1940, salientando que o autor escreve em 1968, fato este que enriquece mais ainda sua obra literária e a aproxima do trabalho do historiador, que do tempo presente lança seu olhar sobre o passado e buscar resgatar aquilo que ficou silenciado pelo grupo dominante.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Jakeline. **Fontes Ibiapina: cultura e identidade do sertão piauiense**. 2010. Disponível em: <http://www.uespi.br/prop/siteantigo/XSIMPOSIO/TRABALHOS/PRODUCAO/Ciencias%20Humanas%20e%20Letras/FONTES%20IBIAPINA%20-%20CULTURA%20E%20IDENTIDADE%20DO%20SERTAO%20PIAUIENSE.pdf>. Acesso em: 12. Out. 2016.

BARROS, Eneas. **Fontes Ibiapina de Fio a Pavio**. Disponível em: [www.Piauí.com.turismo](http://www.Piauí.com.turismo). Acesso em: 12. 09. 2016.

\_\_\_\_\_, Enéas. **Nonon: o menino da lagoa grande**. Teresina, Ed. Nova Aliança. 2012.

BORGES, Valderici Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria de História. Ano 1, número 3, junho de 2010.

CAMILOTTI, Virgínia. NAXARA, Márcia Regina C. **História e Literatura: Fontes literárias na produção historiográfica**. Curitiba. UFPR. 2009.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? IN: **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**/Organização Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2012. p.109.

CHALHOUB, Sidney. **Cidades Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo. Companhia das Letras. 1996.

CHARTIER, Roger. **Debate Literatura e História**. 1999. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/numerosanteriores/Topoi01/01\\_debate01.pdf](http://www.revistatopoi.org/numerosanteriores/Topoi01/01_debate01.pdf). Acesso em: 12. Dez. 2016.

FONTES. Nonato. Folheto. S/A.

IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes. **Palha de Arroz**. Teresina. Oficina da Palavra. 2007.

JODELET, Denise. (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro. Everj. 2001.

LIMA, Juscelino G. **Do ficcional ao real: uma visão histórico-geográfica do mundo urbano teresinense na obra “Palha de Arroz”, de Fontes Ibiapina**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v. 11, n 1, p. 40-48, 2009.

MENDES, FELIPE. Compreendendo a pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Economia e desenvolvimento**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

MOURA, Francisco Miguel de. Fontes Ibiapina: Dados Biográficos. 2012. Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/dicionario-de-escritores/fontes-ibiapina,5.html>. Acesso em: 12. Dez. 2016.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. **Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais**. 2010. 251f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)**. Teresina. Fundação Monsenhor Chaves. 2002.

\_\_\_\_\_. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, João Kennedy (org). **História de vários feitios e circunstâncias**. Teresina: Instituto Dom Barreto. 2001.

\_\_\_\_\_. **Teresina, a capital que nasceu sob o signo do moderno e da pobreza**. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300477414\\_ARQUIVO\\_Teresina\\_modernaanpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300477414_ARQUIVO_Teresina_modernaanpuh2011.pdf). Acesso em: 12.Nov. 2016.

NUNES, Odilon. A Mudança da capital – Teresina e seu desenvolvimento no Império. In: NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Teresina. FUNDAPI, 2007. v. 4, p. 98-128.

\_\_\_\_\_. Transporte e Comunicações. Fontes econômicas. In: \_\_\_\_\_, **Pesquisas para a história do Piauí**. FUNDAPI, 2007. V.4. p 128-192.

OLIVEIRA, Euzébio. **Fontes Ibiapina**. 2013. Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/dicionario-de-escritores/fontes-ibiapina,5.html>. Acesso em 18. Out. de 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte. Autêntica. 2005.

\_\_\_\_\_. **Cidades Imaginárias: Literatura, história e sensibilidades**. Revista de História e Estudos Culturais. Jan-Mar. Vol 6. Ano VI. Nº 1. 2007.

QUEIROZ, Teresinha. Viver na Província: Transformações. In: **Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo**. Teresina: EDUFPI. João Pessoa EDUFPB. 1998.

\_\_\_\_\_. **A importância da borracha de maníçoba na economia piauiense: 1990-1920**. Teresina: FUNDAPI, 2006, p. 45-62.

RABELO, Elson de Assis. **A História entre Tempos e Contratempos: Fontes Ibiapina e a Obscura Invenção do Piauí**. 2008.200f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2008.

ROMERO, Alex. **Palha de Arroz:** Fontes Ibiapina. Disponível em: <http://www.literapiaui.com.br/aulas/obras/palha-de-arroz.pdf>. 2013. Acesso em: 18.09.2016.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

TÔRRES, Gislane Cristiane Machado. **O poder e as letras:** políticas culturais e disputas literárias em Teresina nas décadas de 1960 e 1970. 2010. 187f. Dissertação (Pós-Graduação em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2010.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese
- ( ) Dissertação
- ( x ) Monografia
- ( ) Artigo

Eu, Maria do Amparo de Moura Sousa, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação: **HISTÓRIAS DE PALHA DE ARROZ: representações da cidade de Teresina na década de 1940 nos escritos de Fontes Ibiapina** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de Abril de 2017.

*Maria do Amparo de Moura Sousa.*

Assinatura